Conceitos de Contatos Culturais e de Intervenção Social que Incidem na Sociedade Latinoamericana do Século XXI: Intra, Multi, Inter, Trans e Sobreculturalidade

Cultural and Social Intervention Contact Concepts That Influence on 21st Century Latin American Society: Intra, Multi, Inter, Trans and Overculturality

Resumo

Nosso trabalho tem como objetivo pesquisar uma divisão do processo de contato cultural, partindo de dois pressupostos já estabelecidos e considerados inevitáveis: a perda ou a soma de culturas com o contato. Essa divisão surgiria da observação de um mesmo processo, que nunca havia sido trabalhado como tal, e sim desenvolvido como vários conceitos de processos distintos, ou seja, sem constituir simples etapas de um único processo de contato cultural. Estamos nos referindo à concreção do conceito de sobreculturalidade através da interação da intraculturalidade, multiculturalidade, a interculturalidade e transculturalidade em espaços heterogêneos de convivência que se estão gerando na atual sociedade latinoamericana. Para tanto, mostramos tal processo como elemento capaz de manter viva a cultura indígena que vem sendo sufocada e dizimada pela população em seu entorno com seus interesses políticos e econômicos. Para tanto, mostramos a importância do pensamento intercultural como etapa fundamental do processo de contato entre culturas diferentes.

Palavras-chave: Cultura, Indígena, Sobreculturalidade, Desenvolvimento, Latinoamericana

Prof. Dr. Daniel Valério Martins

Universidad de Salamanca
- España, Doutor em Educação; Presidente da Asociación de la Comunidad Brasileña de Salamanca (ABS), Membro do Grupo Ibero-Americano para a pesquisa e difusão da Antropologia sócio-cultural. Membro do Grupo de Investigación em Antropología e Turismo ANTUR, da Universidade Federal de Sergipe; Editor e Revisor da Revista Euroamericana de Antropología- REA.

E-mail: danielvaleiro@usales

Prof.^a Ma. Ana Luara N. Gortari do Couto

Universidad de Salamanca
- España; Atualmente é Coordenadora do Mestrado Acadêmico em Antropologia de Ibero América da Universidad de Salamanca; Mestra em Antropologia de Iberoamerica da Univerdidad de Salamanca - USAL. Atualmente doutoranda no Programa de Ciencias Sociales da Universidad de Salamanca, España.

E-mail: analauragortari@usales

Prof.^a Ma. Paula Bravo Sánchez

Universidad de Salamanca
- España; Mestra em Antropologia da Saúde na Universidad de Salamanca. España.

E-mail: paulabravo@usales

Abstract

Our work aims to investigate a cultural contact process division, starting from two assumptions already established and considered inevitable: the loss or the addition of cultures resulting from contact. This division may arise from the observation of a very same process, which had never been worked as such, but yet developed as several concepts of distinct processes, that is, not as simple steps of a single process of cultural contact. We are referring to the concretization of the overculturality concept through the interaction of intraculturality, multiculturalism, interculturality and transculturality in heterogeneous spaces of coexistence that are being generated in the current Latin American society. Therefore, we show this process as an element capable of keeping alive the indigenous culture that has been suffocated and decimated by the nearby populations with their own political and economic goals. Thus, we show the importance of intercultural thinking as a fundamental step in the process of contact between different cultures.

Keywords: *Culture, Indigenous, Overculturality, Development, Latin-American*

O Processo de Contato Cultural: Eu e o Outro

Observamos no fenômeno do contato cultural a preocupação de reunir e interpretar o conhecimento antropológico para, então, transformá-lo em uma reflexão que possa, aos poucos, auxiliar em uma ressignificação dos fundamentos da comunidade indígena brasileira. *Mutatis mutandis*, a sociedade brasileira se encontra, de acordo com a sua atual projeção nacional e internacional, num momento em que é indispensável a presença de reflexões sobre a sua estrutura política, o papel do indivíduo, os propósitos sociais, diante de constantes debates, muitas vezes conflitantes, entre posicionamentos culturais.

Esse seria, portanto, o cenário adequado para a apresentação do conceito de Sobre-

culturalidade, versando-o exatamente sobre a complementariedade da teoria e prática de conceitos que abordam o contato cultural, na tentativa de uni-los, e não opô-los ou negá-los, como muitas vezes fizeram outros autores. Este conceito seria, deste modo, uma ferramenta de junção entre Antropologia, Educação e Direitos Humanos, utilizado para promover uma luta contra os direitos frequentemente violados na hora de sua aplicabilidade, nesse caso específico, nas comunidades indígenas, consideradas minorias carentes de importância no contexto político brasileiro, por se tratar somente de 0,4% da população nacional, segundo os dados do último censo do IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística¹.

De acordo com Fleuri (2009), no âmbito da educação, a diversidade de conceitos e termos em torno de uma mesma ideia, ou linha de raciocínio, torna difícil a compreensão do fenômeno. Nessa esteira, alerta-nos sobre alguns aspectos a considerar, entre eles, a impossibilidade de reduzir esse conjunto de ideias em um único conceito, a exemplo da Multi, Inter e Transculturalidade.

Não obstante, discordamos do referido autor e, sem esquecer a complexidade de cada conceito, propomos no tópico a seguir a junção destes como etapas de um único processo. Trata-se do processo de Sobreculturalidade, que parta da ideia de unidade e que seja capaz de respeitar as diferenças e particularidades de cada sujeito ou grupo em contato – o eu e o outro – potencializando seu respectivo desenvolvimento e gerando o empoderamento dessas comunidades.

Assim, no seguinte tópico buscamos apresentar a Sobreculturalidade como um processo complementar e de junção dos vários conceitos relacionados à cultura, criados em épocas distintas e por autores distintos. Por meio deste, busca-se unificar em uma só ótica os conhecimentos locais e os conhecimentos globais, estabelecendo-os em seus diferentes contextos e buscando construir sua complementariedade (Marin, 2014).

¹ Disponível em: <<https://indigenas.ibge.gov.br/>> acessado em: 28/03/2018.

Etapas do Processo da Sobreculturalidade

Estas etapas já debatidas e trabalhadas por vários teóricos (pedagogos e antropólogos) são as seguintes: (intra – multi – inter e transculturalidade), fases do “conhecer-se e aceitar-se”, “conhecer e respeitar o outro” e “interagir” na busca de um desenvolvimento pessoal e comunitário, a fim de gerar uma transformação ou uma “transcultura” (nas formas de pensar e atuar consigo e com os demais), para, em seguida, lograr a “sobrevivência” como um ser humano e cultural, passível de direitos e deveres.

Para que ocorra esse processo denominado Sobreculturalidade, pressupõe-se a existência de culturas que foram submetidas a todas as etapas anteriormente citadas, com o propósito de sobreviver e propagar sua cultura, perpetuando-a.

Vamos mostrar todos os conceitos abordados até o presente momento em uma só óptica, com o propósito de relacionar todos os conhecimentos (locais, globais ou universais) discutidos nesses conceitos, enfatizando-se os pontos comuns e divergentes, aumentando assim, a relação e o grau de complementariedade entre as etapas propostas, para fortalecer ainda mais o conceito de Sobreculturalidade e o seu emprego nesse contexto de contato cultural.

Como em um “quebra-cabeça”, os conceitos se encaixam e se complementam, e mostraremos, a seguir, os elos que unem cada pensamento abordado. Para tanto, também procuramos fazer o encaixe nas teorias tratadas, utilizando-nos dos pensamentos dos autores que versaram sobre cada tema, com o propósito do fortalecimento de tal conceito, para em seguida, evidenciar como este pode ser utilizado no processo de reafirmação identitária, essencial para fortalecer e manter a cultura de cada elemento ou grupo inserido no mesmo espaço geográfico, promovendo-se os Direitos Humanos.

Assim, trabalhamos em busca de uma integração de fragmentos, com a ideia de

construir uma totalidade, levando em conta as suas múltiplas dimensões, a sua complexidade, e a multiculturalidade presente nesse processo unificador.

Em suma, o processo de “Sobreculturalidade” busca alcançar a convivência intercultural – ou também a transculturalidade – através da “sobrevivência”. Ao aprofundarmos nesta inovação conceitual, poderíamos gerir adequadamente a educação em comunidades de povos originários e, em definitiva, dar uma resposta ao atual movimento indigenista latinoamericano. Trata-se, por fim, de interrelacionar o conceito de identidade que emana da intraculturalidade com o de globalização, que deriva do conceito de transculturalidade; ou seja, construir uma identidade desde a atual sociedade globalizadora onde deve permanecer como pilar fundamental a própria essência do povo originário. Aí reside parte do genoma deste novo conceito de Sobreculturalidade que pretendemos desenvolver e aplicar no contexto da sociedade latinoamericana do novo milênio.

Ocorre que, na atualidade, buscamos uma convivência intercultural ocidentalista, tentando partir de posicionamentos intraculturais e próprios de cada comunidade, com o fim de se chegar a um objetivo que se adeque às pretensões europeias e norte-americanas. O problema é que não havia uma perspectiva complementar.

Finalmente, podemos observar que esse processo, ademais de obter como produto final a convivência intercultural, visa, por meio desta, alcançar a promoção do respeito e tolerância ao diferente, e ao mesmo tempo ponderar entre a perda ou soma de culturas com o contato, iniciado pela “intraculturalidade” rumo à “sobreculturalidade”.

Surge, assim, o respeito à diversidade cultural, em contraposição à visão etnocêntrica, como defendido por Geertz (2008), fazendo com que possamos refletir acerca do embaçamento cultural presente nas sociedades complexas e nas mudanças de mentalidades

mediante o contato entre culturas distintas – no presente caso, a diversidade indígena dentro do mesmo projeto. Tudo isto ocorre por meio da relação estabelecida dentro desta diversidade, que pressupõe a utilização dos conceitos abordados, como a intraculturalidade (eu), a multiculturalidade (o outro), a interculturalidade (eu e o outro) e a transculturalidade (resultado do contato: todos).

Primeira Fase: Conhecendo a Si Mesmo

Como primeira fase ou fase do autoconhecimento e autoafirmação do processo, está o conceito de intraculturalidade, ao qual, segundo Aparício & Delgado (2014), permite o reconhecimento de cada cultura e de cada comunidade, aprendendo de si mesmos, resgatando sua própria língua, costumes e valores, tomando-se o primeiro passo rumo à interculturalidade, consistindo, portanto, no início do processo, o conhecimento sobre si.

Sendo assim, entramos em acordo com Marin (2014), quando ele propõe sugestões em relação ao contato entre culturas, afirmando que devemos construir nossas vidas a partir de nós mesmos, de nossa própria autoestima, valorizando o que somos como a primeira condição para o crescimento, reforçando, assim, nossa dignidade. Em relação ao grupo social, também estamos de pleno acordo quando ele nos diz que revalorizar os saberes locais é o primeiro passo para revalorizar a estima e a dignidade das pessoas que os possuem.

Consoante explica Marin (2014), a tomada de consciência histórica é fundamental para compreender o presente e imaginar o futuro, assim observamos uma análise e concepção de vida, com base na inclusão e tolerância consigo, que busca na figura do outro a convivência pacífica. Isto por meio de uma força dialógica capaz de unir as diversidades culturais, estabelecendo-se a importância de manter a diversidade e o enriquecimento mútuo das culturas com o contato com o novo, distinto e inovador.

Desde esta perspectiva, como destacamos anteriormente, aparece um novo conceito de grande importância, que leva implícita a intraculturalidade. Trata-se do conceito “identidade”, entendendo este como a percepção da própria consciência do existir, na relação com outros indivíduos, com os que compartilham um grupo social (Aparício & Delgado, 2014). É, em definitiva, a essência da transmissão do “eu” e pelo que tanto apostam todos os modelos educativos e, especialmente, os ocidentais. A inadequada transmissão deste conceito pode levar acompanhado a gênese de nacionalismos desenfreados, que podem desembocar em enfrentamentos; ou seja, a ação antagônica de nossa proposta.

Para Augé (2014), tendo como ponto de partida a busca pela identidade individual ou coletiva, temos que levar em consideração que somos sempre o outro de alguém, ou o outro de um outro, portanto é preciso pensar-se a si desde outra perspectiva, de outro olhar, um olhar externo ou, até mesmo, de vários olhares. Analisando assim, os meios urbanos também são fatores de reforço e influência nos processos identitários.

A *intraculturalidade* consiste em um processo social que parte da concientização, pelos indígenas, que surge com a tomada das rédeas da sua própria História, desde os registros mais remotos de suas memórias históricas e sua ancestralidade, buscando uma apredizagem nas lutas e resistência contra toda forma de discriminação, opressão e integração forçada. Trata-se da conjugação de dois fatores: um interno (tradição) e outro externo (modernidade), situação característica da sociedade indígena brasileira e latinoamericana.

Nesse sentido, a intraculturalidade, quando pressupõe a autoaceitação e o autorreconhecimento para atingir um desenvolvimento interno pessoal ou comunitário, busca, sobretudo, uma autorrealização do sujeito. O meio de se alcançá-la, nada mais é que o reconhecimento e interação com o outro, com base no respeito e na tolerância, negando-se preconceitos muitas vezes camuflados, de modo a cumprir a primeira fase do processo de Sobreculturalidade, e preparando-lhe para a próxima fase. Para tanto, é

importante aceitar-se no outro, sendo que, conforme esclarece Lévi-Strauss (1993), quando nos diz que, para conseguir aceitar-se nos outros [...] é necessário, primeiro, recusar-se em si mesmo.

Então, podemos observar o elo que surge entre as duas primeiras etapas do processo de Sobreculturalidade, que consistiria, em resumo, numa nova visão sobre si e o outro, recusando-se a preconceitos, no intuito de oportunizar as riquezas que podem advir do contato entre culturas distintas.

Segunda Fase: Conhecendo o Outro

Como segunda fase do processo de Sobreculturalidade, denominada a fase do conhecimento e respeito com o outro, encontra-se o conceito de Multiculturalidade, o qual, de acordo com D'Ávila (2012) e Kymlicka (1996), também é chamado de pluralismo cultural ou cosmopolitismo e, busca que se reconheça e se respeite a diversidade cultural presente em todas as sociedades, uma vez que praticamente não há, hoje, Estado que não possa ser considerado multinacional ou multiétnico. A multiculturalidade passa, assim, a complementar o conceito anterior, o de *intraculturalidade*. Como afirma García (2009), interpretando que tanto a sociedade, a identidade e a própria realidade do indivíduo cristalizam subjetivamente no mesmo processo de interiorização.

De acordo com sua história, o multiculturalismo tem início na década de 1970, no pensamento de Stuart Hall, quando o mesmo tenta mostrar a distinção entre a multiculturalidade – termo que qualifica as características e problemas culturais de uma sociedade – e o multiculturalismo – visto enquanto uma filosofia específica que sustenta as estratégias multiculturais. Estratégias nas quais se pode aprofundar através da leitura da obra *“Da diáspora: identidades e mediações culturais”*, a qual proporciona ao pesquisador o contato com uma ampla rede de concepções teóricas, fundamentais para a sua atuação no jogo de significados plurais dos Estudos Culturais.

O autor Athias (2007), em seus estudos sobre o contexto cultural multilingue no Alto Rio Negro na Amazônia, também investiga sobre a inserção de diversas etnias em posições diferentes num mesmo complexo cultural, adotando a noção dumontiana. Em um dado momento, verifica-se uma mudança de visão e o contexto multicultural começa a dialogar, ocasião em que se passa para a fase seguinte do processo de Sobreculturalidade. Em qualquer caso, entendemos que a multiculturalidade, diferente da intraculturalidade, representa a presença de culturas heterogêneas em espaços comuns de coexistência. Neste cenário multicultural, no qual emergem novos conceitos que definem diferentes situações de “contato” cultural que, por sua vez, promovem distintos tipos de interação social.

Estamos nos referindo aos conceitos de “assimilação”, “adaptação”, “aculturação” e “integração”. Assim, entendemos por “assimilação” o processo que implica o submetimento do indivíduo ou grupo minoritário a outro majoritário e dominante, respondendo a uma visão etnocêntrica das relações sociais. A “adaptação”, ao contrário, viria definida pelo processo pelo qual uma pessoa ou grupo social gera estratégias que lhe permitem enfrentar-se a uma nova situação, modificando certas características próprias (sendo, portanto, um processo unidirecional), mas em nenhum caso, através de relações de submetimento.

A “aculturação”, diferente dos anteriores, facilitaria o processo de contato cultural entre pessoas ou grupos sociais, mas influenciando os padrões de uma ou ambas as culturas, através de um intercâmbio bidirecional. Finalmente, a “integração” viria definida como um processo que permite confrontar e intercambiar desde posicionamentos de igualdade e de participação, diferentes valores, normas e modelos de comportamento, entre diferentes pessoas ou grupos sociais, difícil de lograr-la, quando a entendemos por sua epistemologia, o integro como um todo e, portanto, em contra as diferenças e particularidades de cada indivíduo ou grupo em contato.

Dentro deste contexto multicultural poderiam ser geradas estratégias de relação

social que permitissem a transformação para uma sociedade intercultural. Assim, Alvarado (2003) estabelece uma distinção bastante clara entre os dois conceitos (aqui utilizados como etapas de um único processo), afirmando que o multiculturalismo propõe a coexistência de culturas diferentes, em um mesmo espaço social, sob o princípio da tolerância e do respeito à diferença, e que a interculturalidade pressupõe uma inevitável interação entre as culturas desse mesmo espaço, estabelecendo um projeto político com base no diálogo entre elas, para garantir sua convivência pacífica, como explicaremos mais adiante.

Não obstante, não concordamos com o autor, na medida em que ele diferencia ambas as correntes de pensamento, na tentativa de favorecer a interculturalidade, advogando que esta se trata de um conceito dinâmico que supera o multiculturalismo, ao reconhecer a sociedade com um espaço de permanente interação.

Em nossa visão, a distinção e separação dos conceitos, como prontos e acabados, não abre espaço ao questionamento de complementariedade como estamos propondo. Isto porque, para haver interação, é preciso o conhecimento sobre a diversidade na qual se está inserido, sendo que, para entender o outro, se deve estar preparado para dialogar com ele (D'Ávila, 2012).

Vemos, assim, que, para a garantia dos seus direitos fundamentais, o autorreconhecimento e a autoaceitação de um indivíduo no grupo cultural a que pertence não é o suficiente, e a simples coexistência entre os membros dessa sociedade ou dos grupos a que pertencem também não o é, razão pela qual, se o objetivo é promover tais direitos, que somente são alcançados por meio da interação, os conceitos de multi e interculturalidade são complementares.

Desta forma, Marin (2014) nos propõe entender e valorizar as diversidades das inteligências apresentadas nas diversidades culturais, para, assim, poder criar as condições de um diálogo intercultural, que nos permita compartilhar os conhecimentos, aprendizagens e enriquecimento mútuo, todos em uma perspectiva de complementariedade.

Geertz (2008) critica, em linhas gerais, o pensamento de alguns antropólogos que defendem o etnocentrismo (isolamento), como ferramenta capaz de manter as particularidades, defendendo a etnografia em contraposição ao etnocentrismo, por entender que o encontro entre culturas gera mudanças de mentalidades em ambas, e que, desse dado momento, podem surgir a tolerância, o respeito e a convivência pacífica diante da diversidade cultural que faz parte das sociedades culturais complexas. Em realidade, este etnocentrismo responde muito diretamente ao paradigma assimilacionista de interação social, desafortunadamente muito extendido no ocidente.

Assim, a ideia geral desse artigo parte de uma reflexão acerca da maneira como estamos acostumados a encarar a diversidade cultural, se realmente no sentido de percepção das diferenças e particularidades ou no sentido de generalização das mesmas, sugindo, assim, outra fase do processo de contato cultural – o diálogo com a diversidade em busca da interação.

Terceira Fase: A Interação com o Outro

A terceira fase do processo de Sobreculturalidade, ou fase de interação com o outro, engloba o conceito de Interculturalidade, fase fundamental para entendimento do processo de contato entre culturas diferentes e que, segundo Espina (1997), é a corrente de pensamento que estuda a interação ou a socialização entre culturas heterogêneas em um mesmo espaço geográfico; ou como frisa Aparício & Delgado (2014), supõe a interação de culturas heterogêneas em um mesmo espaço de convivência, provocando a aparição do conceito de “inclusão”. Esta concepção “inclusiva” é a essência dos paradigmas Crítico e Ecológico, tão presentes nos atuais modelos educativos ocidentais. Não se pode entender uma “Educação Intercultural” se esta não é “inclusiva”, e esta inclusão somente se pode entender dentro de um contexto e pensamento interculturais, planteando-se como um diálogo de saberes, de culturas, de identidades

que, desde a diferença, sempre se encontram no mesmo plano de igualdade.

Daí surge o elo entre os conceitos anteriores, fortalecendo-se o processo de contato entre culturas, como afirma Márquez (2014), quando frisa que para chegar ao êxito da proposta intercultural no seio da sociedade neoliberal, é preciso partir de uma educação cidadã que reclame por direitos públicos em um sistema de aprendizagem no qual o diálogo com o outro é a regra de ouro.

Vemos, portanto, que o diálogo é a marca diferencial entre as etapas da multiculturalidade e da interculturalidade, no entanto, não podemos deixar de afirmar que tais conceitos se complementam a partir da hora em que o indivíduo se interioriza, como uma espécie de fortalecimento interno, quando conhece o outro para tentar socializar-se com ele, então perceberemos que o diálogo passa não somente a ser a marca diferencial entre ambos os conceitos, mas sim, o próprio elo de ligação entre os mesmos.

À medida que vem à tona o diálogo como elo entre as etapas anteriores, gera-se uma mudança cultural (soma ou perda de cultura), com o contato, seja a nível pessoal ou comunitário. Essa mudança ou transformação, no modo de pensar, interpretar e agir, é o outro elo entre as etapas anteriores à etapa denominada *Transculturalidade*, que será capaz de gerar um enriquecimento mútuo, como expõe Tejerina (2011: 73), quando afirma que “el diálogo entendido como acción dominada por el espíritu crítico que implica escuchar y ser escuchado, debe estar presidido por la interacción y su resultado no será otro que el enriquecimiento mutuo”.

Quarta Fase: A transculturalidade gerada pelo contato

As mudanças ocasionadas pelo contato podem ser enriquecedoras, e assim o utilizamos como elo para o surgimento da quarta etapa desse processo.

Na quarta fase da Sobreculturalidade, ou fase de transformação, encontra-se o conceito de *transculturalidade* que, parafraseando Vás-

quez (2011), significa o contato entre diferentes culturas e a influência mútua, gerando pontos comuns de coexistência, quer dizer, a transformação cultural por meio do contato; significando, também, um movimento, a passagem de uma situação à outra associada à cultura, seja por aprendizagem ou ensino, por experiências, intercâmbio, influências e novas configurações, nas quais o outro (intra, multi e inter) formam parte fundamental para a transformação do indivíduo como é, onde está e para onde vai.

Surge assim em meados do século passado este novo conceito de “transculturalidade”, dando resposta ao processo pelo qual diferentes culturas dentro de um espaço global multicultural entram em contato se influenciando mutuamente e gerando pontos comuns de coexistência, que facilitam a convivência (Aparicio & Delgado, 2014). Neste novo posicionamento conceitual derivaria o termo “globalização”, entendendo este como uma possibilidade de integração de diferentes sociedades em uma “aldeia global”. Portanto, é certo que desde diferentes posicionamentos neoliberais, esta ideia de “aldeia global” trata de transformar-se em um “mercado mundial”, algo de que não compartilhamos.

À guisa de conclusão, o processo a que nos referimos é denominado “Sobreculturalidade”, pois a mudança ou transformação sofrida surge de acordo com as necessidades de cada indivíduo ou grupo cultural, para a sobrevivência de sua cultura. Para essa última etapa em específico, criamos o esquema estrutural abaixo, a fim de apresentar como pode ocorrer tal transformação em um grupo social e os elementos de influência para o seu surgimento. Antes, no entanto, vale conferir as palavras de Pozzer (2014), ao afirmar que as culturas vêm e se constituem como arcabouços para a sobrevivência e o desenvolvimento do ser humano.

Essa transformação gerada com o contato é observada em todos os códigos de conduta, os valores morais, as regras sociais e culturais como a própria língua, e a educação, que são as bases de orientação de qualquer indivíduo no mundo. Assim, o processo sobrecultural, enquanto depende da relação de um indivíduo consigo mesmo e com os outros sob a forma

de autoaceitação, encontro, conflitos e interação, gera uma problemática cultural e, por isso, muda ou se transforma por adequação e sobrevivência. Nesse momento, entendemos o processo Sobrecultural como uma situação de ajuste social de um indivíduo com o grupo ao qual pertence e, ao mesmo tempo, com os grupos ao seu entorno, não se tratando de um processo meramente aculturador, e sim somador de várias culturas, a fim de tornar o indivíduo conhecedor de várias realidades, para perceber que a cultura é viva e, portanto, versátil.

Segundo complementam Aparicio e Delgado (2014), todos esses conceitos abordados fazem parte de um mesmo processo cultural, sendo que até o presente momento estavam sendo trabalhados individualmente, razão pela qual propõem a seguinte ligação e complementariedade entre os mesmos: *intraculturalidad*, *interculturalidad*, *multiculturalidad* e *transculturalidad*. (Figura 1)

De acordo com seu entendimento, os conceitos trabalhados se complementam entre si, o que fortalece a existência de cada um, passando-se de um ponto de autoaceitação e auto-reconhecimento, para a interação com o outro, seguido do respeito e da transformação gerados por esse contato. Em contrapartida, o que propomos é outra visão desse mesmo processo, mudando as posições de algumas etapas conceituais no sentido de mostrar o elo entre cada etapa, propondo com ele, a aparição de um novo conceito de relação social: a “Sobreculturalidade”. (Figura 2)

Demonstra-se, desta forma, que as etapas de multiculturalidade e interculturalidade podem surgir após a etapa de *intraculturalidad*, as quais, juntas, gerariam a transculturalidade. Conforme já dito, segue-se a linha de pensamento de complementariedade dos conceitos, e não de contradição dos mesmos.

Nesse sentido, o indivíduo parte do conhecimento que tem sobre si mesmo, onde busca a sua aceitação e reconhecimento, passando a comparar-se com o outro ou as demais culturas. Assim, em um mesmo espaço de convivência, busca uma interação com essas culturas, fazendo surgir uma transformação de acordo com as necessidades de cada grupo em questão.

Este se torna o processo de sobrevivência que cada indivíduo ou comunidade busca com a propagação e perpetuação de suas culturas. Veja-se que, no processo da Sobreculturalidade, não significa que uma cultura está sobre outras, no sentido de superioridade. Aqui, o pensamento etnocêntrico foi utilizado para analisar, com maior precisão, culturas que passaram por todas as etapas do processo de contato cultural citadas anteriormente, utilizando-se da educação multi/intercultural, na busca pelo fortalecimento da base desse processo, a fim de promover a equidade, por meio do direito à convivência, o que Marquez (2014) afirma como o direito de conviver com o outro, um direito político que exige que os cidadãos sejam educados para aprender a respeitar a diversidade em sua alteridade, como exposto na Figura 3:

Figura 1

Fonte: Elaborada pelos autores

Figura 2

Fonte: Elaborada pelos autores

Figura 3

Fonte: Elaborada pelos autores

Desse modo, a igualdade surgiria na busca pela equidade, respeitando-se toda forma de cultura inserida em um mesmo espaço geográfico, sem discriminar a diferença, e sem permitir a criação de “rótulos” ou “etiquetas”.

Podemos utilizar como exemplo a criação da chamada educação intercultural posta em prática em vários países das Américas, incluindo o Brasil, em específico, as comunidades indígenas do Estado do Ceará, as quais, em suas lutas pela afirmação identitária, buscam na educação diferenciada

toda a força para a efetivação dos direitos humanos violados e não contemplados, como explicado nos tópicos anteriores.

A Educação Diferenciada e a Sobreculturalidade

A educação diferenciada, multicultural/intercultural é o meio, e a escola/universidade é o espaço de convivência em que as culturas passam a necessitar umas das outras, inter-relacionando-se através de uma aprendizagem mútua, aportando costumes e tradições que vão sendo somados a cada uma delas, formando uma “transcultura” – mais aberta, mais dinâmica e enriquecedora (Aparicio & Delgado, 2014).

Assim, a Escola Diferenciada/Universidade Intercultural passa a ser entendida como o espaço no qual é favorecido o encontro dos diferentes, gerando a identificação e a interação com as diferenças, produzindo ou reproduzindo cultura ou transcultura.

Entende-se que, para que o conceito de Sobreculturalidade tenha eficácia no processo de contato, é preciso identificar as limitações da tolerância na criação de vínculos de solidariedade nas sociedades culturalmente diversas e a partir desse momento buscar uma mudança de paradigma de tolerância por aceitação e respeito, partindo-se da concepção da civilidade como pressuposto para a consolidação e o

respeito aos direitos fundamentais, como afirma D'Ávila (2012). É evidente, que para elucidar esse processo de contato cultural, explicamos que cada conceito apresentado no esquema estrutural anterior foi criado em épocas distintas e por autores distintos; não obstante, eles podem ser complementares, na medida em que constituem etapas de um mesmo processo de contato cultural gerador de transculturas.

De acordo com Fleuri (2009), o termo transcultural está relacionado à ideia de se encontrarem os valores que sejam comuns às diferentes culturas em contato e que possibilitem criar uma base de entendimento, tolerância e respeito, considerando-se todas suas especificidades.

Nesse sentido, a junção desses conceitos tem o intuito de agrupá-los e ao mesmo tempo desenvolver um outro (Sobreculturalidade), que sirva de conexão aos já existentes no contexto acadêmico. A transcultura gerada desse processo de contato seria o maior grau de civilidade, resultando na sobrevivência buscada por determinadas culturas.

Assim, Valério (2015) deixa clara a visão de contato cultural como um processo, que parte desde o conhecimento do indivíduo sobre si, suas experiências e sua cultura originária, em direção ao conhecimento sobre o outro e, conseqüentemente, a interação com ele, desencadeando a transformação necessária à cultura.

Considerações Finais

Da análise anterior, podemos deduzir que uma sociedade intercultural é aquela capaz de transformar situações de “contato cultural” (aculturação, assimilação, adaptação e integração) próprias de qualquer sociedade multicultural, em outras de “interação social”, polarizadas pelo conceito de inclusão. Ambos os processos (não de exclusão) necessitam se aprofundar no verdadeiro gen das relações sociais: a construção do “eu” através do conceito de identidade. Esta construção identitária, definimos através do conceito de “intracultu-

ralidade”, que constitui os andaimes de qualquer relação social, seja multi ou intercultural.

Desde uma perspectiva global, os diferentes pontos de encontro das distintas sociedades multi ou interculturais, conformariam a construção de um novo conceito, o de transculturalidade, que levaria implícito o fenômeno da globalização. Toda esta análise dedutiva nos permite construir as gêneses de um novo conceito que forma parte das conclusões alcançadas na investigação: a Sobreculturalidade. Tratando-se, portanto, de um novo conceito que se encontra presente em todos e cada um dos processos de relação social que contemplamos e que facilita e permite a construção de uma realidade social sustentada no enriquecimento do indivíduo através das relações de convivência.

Sendo assim, o conceito de Sobreculturalidade, enquanto “cultura de sobrevivência”, foi direcionado às culturas que foram obrigadas a passar pelas várias etapas do processo de contato cultural para sobreviverem e não caírem no esquecimento, desta forma, a utilização deste conceito vem a enriquecer o contexto acadêmico da Universidad de Salamanca, ao mesmo tempo em que é promovido no Brasil e em outros países da América Latina, como no caso da Bolívia e do México, que serviram de palco no campo etnográfico para o desenvolvimento da tese doutoral que culminou na elaboração e apresentação do mesmo, por meio de congressos, entre os quais destacamos o I Congresso Internacional Sobre Interculturalidade, desenvolvido pela Universidad Intercultural Indígena de Michoacán – UIIM, em março de 2017.

Portanto, explicando tal processo em um caso prático, podemos dizer que, se um indivíduo ou grupo social é capaz de autodeterminar-se, de autoreconhecer-se, e se esse mesmo indivíduo ou grupo é capaz de reconhecer que convive com uma determinada diversidade

cultural dentro de um mesmo espaço, respeitando-a e aceitando-a, sendo capaz de interagir com essa diversidade e admitir que se vive em um constante processo de mudanças e transformações resultantes do contato, assim, estamos diante de pessoas que passaram pelo processo de Sobreculturalidade. Estas adquirem a faculdade de sobreviver dentro dos mais variados contextos culturais, sob padrões de diálogo, tolerância, aceitação, respeito mútuo e civilidade – pontos chaves para alcançar um engrandecimento da humanidade, com a efetivação de todos os direitos fundamentais, especialmente o direito à dignidade humana.

Referências

- ALVARADO, Neritza. **La atención de la pobreza en Venezuela: del gran viraje a la Quinta República 1999-2002**. Caracas: Ediciones de la Fundación Escuela de Gerencia Social, 2003.
- APARICIO, Jesús María & Delgado, María Ángeles. **La Educación Intercultural en la Formación Universitaria Europea y Latinoamérica**. Segovia: ITAMUT- FIFIED, 2014.
- ATHIAS, Renato. **Povos Indígenas de Pernambuco: Identidade, Diversidade e Conflito**, Recife: Editora Universitária UFPE, 2007.
- AUGÉ, Marc. **O Antropólogo e o mundo global**. Petrópolis: Vozes, 2014.
- D'ÁVILA, Ana María. "Da coexistência à convivência como outro: entre o multiculturalismo e a interculturalidade. **REMHU-Revista Interdisciplinar da Mobilidade Humana/Centro Scalabriniano de Estudos Migratórios**. Ano XX, Nº 38, 2012, p. 67-82.
- ESPINA, Ángel Baldomero. **Manual de Antropología Cultural**, 2ª Ed.. Salamanca: Amarú Ediciones, 1997.
- _____. **Antropología en Castilla y León e Iberoamérica, V. emigración e Integración Cultural**. Salamanca: Ediciones Universidad de Salamanca, 2003.
- FLEURI, Reinaldo Matías. "O que significa Educação Intercultural". In: **Educação para a diversidade e cidadania**. Florianópolis: Mover, NUP, 2009.
- GARCÍA, José María. **El hombre**. Salamanca: Sígueme, 2009.
- GEERTZ, Clifford. **O saber local: novos ensaios em antropologia interpretativa**. Petropolis: Vozes, 2008.
- HALL, Stuart. **Más Allá de la cultura**. Barcelona: Gustavo i Gili, 1978.
- KYMLICKA, Will. **Ciudadanía Multicultural**. Barcelona: PAIDÓS, 1996.
- LÉVI-STRAUSS, Claude. **Antropologia estrutural dois**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1993.
- MARÍN, José. "Educação e Interculturalidade: conhecimentos, saberes e práticas descoloniais". In: E. Cecchetti, **Educação e Interculturalidade**. Blumenau: Edifurb, 2014, p. 45.
- MARQUEZ, Alvaro. "A Praxis intercultural: uma experiência dialógica para a educação cidadã". In: E. Cecchetti, & A. Pozzer, **Educação e Interculturalidade: conhecimentos, saberes e práticas descoloniais**. Blumenau: Edifurb, 2014, p. 30.
- POZZER, Adecir. **Educação e Interculturalidade: conhecimentos, saberes e práticas descoloniais**. Blumenau: Edifurb, 2014.
- TEJERINA, Verónica. "Diversidad Cultural, educación intercultural y currículo". In: J. M. Aparicio (Dir.). **Interculturalidad, Educación y Plurilingüismo en América Latina**. Madrid: Pirámide, 2011, p. 65-77.
- VALÉRIO, M. Daniel. **A intraculturalidade nas comunidades indígenas da Região Metropolitana de Fortaleza - Ce - Brasil: Caminho para o desenvolvimento e sobreculturalidade**. Salamanca: Ediciones Vitor, 2016.
- VÁSQUEZ, Karol Marcela. "Diverso universo. Diversidad y transculturalidad" In: J. M. Aparicio (Dir.), **Interculturalidad, Educación y Plurilingüismo en América Latina**. Madrid: Pirámide, 2011, p. 96.